

O olhar de PIBidianos sobre a construção do conceito de cor por estudantes surdos na perspectiva do bilinguismo

Ágatha Verônica Pereira de Lima ¹

Artur Giardina ²

Maria Eduarda Menezes Moura ³

Karoline Santos Rodrigues ⁴

RESUMO

Com a promulgação da Lei nº 14.191/2021, que reconheceu a educação bilíngue de surdos como modalidade de ensino independente, consolidou-se o direito das pessoas surdas de aprenderem a Libras como primeira língua e o português escrito como segunda. Nesse contexto, torna-se essencial desenvolver práticas pedagógicas que respeitem a identidade surda, valorizem a visualidade e garantam o acesso ao conhecimento. Este trabalho tem como objetivo relatar e refletir sobre a experiência educativa vivenciada no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com foco no ensino das cores em contexto bilíngue (Libras e português escrito), por meio de estratégias de letramento visual e do uso da Libras como língua de instrução. Trata-se de um estudo qualitativo, fundamentado no bilinguismo e no letramento visual, com abordagem metodológica centrada no relato de experiência. A atividade foi desenvolvida na Escola Pública Integral Bilíngue Libras Português Escrito do Plano Piloto, com estudantes surdos do Ensino Fundamental I. O trabalho contou com três etapas: reconhecimento das cores por meio da Libras e da datilologia; mistura de tintas; e criação artística baseada no conteúdo aprendido, relacionado ao corpo humano, previamente abordado em sala de aula. Os estudantes foram organizados em duplas e trios, utilizando-se recursos visuais como placas com datilologia, imagens representativas e tintas guache. A experiência demonstrou que o entendimento do conteúdo, para estudantes surdos, é potencializado pela visualidade, sendo a Libras sua principal mediadora linguística. Observou-se aprendizagem significativa quando os estímulos visuais estavam integrados à sinalização e à interação corporal. Conclui-se que a prática bilíngue, aliada a estratégias visuais, favorece o ensino-aprendizagem e fortalece o desenvolvimento cognitivo e linguístico de estudantes surdos.

Palavras-chave: PIBID; Bilinguismo; Letramento visual; Estudantes surdos; Cor.

1. Introdução

A educação de estudantes surdos exige práticas pedagógicas específicas, que respeitem sua forma de percepção do mundo e garantam o acesso ao conhecimento. A partir

¹ Graduanda do curso Letras – Português e Inglês do Centro Universitário do Distrito Federal – UDF, PIBIDiana do Subprojeto Multidisciplinar Letras – Pedagogia, a7.agathaveronica@gmail.com;

² Graduando do curso Letras – Português e Inglês do Centro Universitário do Distrito Federal – UDF, PIBIDiano do Subprojeto Multidisciplinar Letras – Pedagogia, giardinaartur@gmail.com;

³ Graduanda do curso Letras – Português e Inglês do Centro Universitário do Distrito Federal – UDF, PIBIDiana do Subprojeto Multidisciplinar Letras – Pedagogia, dudinha230206@gmail.com;

⁴ Mestra em Educação, Linguagem e Tecnologias - UEG, professora supervisora de PIBID do Subprojeto Multidisciplinar Letras – Pedagogia, Krs.karol@gmail.com.



da promulgação da Lei nº 14.191/2021, que reconheceu a educação bilíngue de surdos como modalidade de ensino independente, reforçou-se o direito desses estudantes de aprenderem em sua língua natural, a Libras, tendo o português escrito como segunda língua. No contexto da alfabetização e do ensino de conceitos abstratos, como as cores, torna-se essencial considerar as especificidades da identidade surda e da visualidade como eixo central da aprendizagem. (Andrade, 2023; Bueno et al., 2013; Tavares, 2024)

Este trabalho apresenta uma experiência pedagógica vivenciada por estudantes do Subprojeto Multidisciplinar Letras–Pedagogia do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvida na Escola Pública Integral Bilíngue Libras e Português Escrito do Plano Piloto (EBPP). A proposta teve como foco o ensino do conceito de cor, articulando a Libras como língua de instrução, a datilologia como apoio à identificação lexical, e o letramento visual como estratégia metodológica para promover a compreensão e a apropriação de conteúdos por estudantes surdos.

A datilologia, nesse contexto, é compreendida como “o ato de soletrar manualmente a representação das letras das línguas orais por uma sequência de configurações de mão que as representam nas línguas de sinais” (Quadros e Karnopp *apud* Oliveira e Figueiredo, 2017, p. 195). Seu uso estabeleceu o uso entre a grafia das palavras em português e os sinais em Libras, favorecendo a identificação das cores.

Considerando o contexto de formação inicial docente proporcionado pelo PIBID, a atividade foi elaborada com base nos princípios do bilinguismo e em práticas visuais que favorecem a construção ativa do conhecimento. Assim, este trabalho tem como objetivo geral relatar e refletir sobre a experiência educativa vivenciada no contexto bilíngue (Libras e português escrito), com foco no ensino das cores por meio de estratégias de letramento visual, da datilologia e do uso da Libras como língua de instrução. Como objetivo específico, busca-se contextualizar historicamente a educação bilíngue de surdos no Brasil e apresentar os fundamentos pedagógicos que sustentam o uso do letramento visual no ensino de conceitos abstratos, como o de cor.

2. Contexto Histórico e Pedagógico da Educação Brasileira de Surdos





Utilizando como base teórica os estudos de Quadros (2009), Oliveira e Figueiredo (2017), Tavares (2024) e Lacerda (1998), além de nos apropriarmos de outros autores quando pertinente, nessa seção, traçaremos a trajetória da educação de surdos no Brasil até o contexto pedagógico que embasa o letramento visual e nossa proposta educacional. Como definido por Quadros (2009), a educação de surdos no Brasil pode ser dividida em três períodos históricos distintos: o oralismo, o bimodalismo e o bilinguismo.

O oralismo, segundo a autora, apresenta uma visão puramente clínica e reabilitadora da surdez e da pessoa surda, tratando-a como um ‘deficiente auditivo’ e considerando a surdez como uma condição passível de ‘cura’ por meio da oralização. Essa abordagem nega a existência de uma identidade surda e proíbe o uso da língua de sinais, tanto em ambientes profissionais e escolares quanto em contextos familiares e informais.

Seu objetivo era a assimilação completa do sujeito surdo ao universo ouvinte.

Ainda que traços do oralismo persistam até hoje, pesquisas trazidas por Quadros (2009, p. 22–23) mostram que estudantes surdos formados exclusivamente por essa abordagem apresentaram defasagens significativas no aprendizado e conquistas educacionais em comparação com seus contemporâneos ouvintes em todos os níveis de ensino.

Esse atraso não apenas evidencia a falência do oralismo como prática pedagógica, mas também revela a fragilidade de sua fundamentação. Conforme Quadros (2009), Oliveira e Figueiredo (2017), diferentemente do que prega essa abordagem, a pessoa surda não é capaz de adquirir a língua oral de forma natural ou espontânea.

Ao privar a comunidade surda do uso da língua de sinais e falhar em oferecer métodos eficazes de ensino da língua oral que considerem suas especificidades, o oralismo contribuiu diretamente para o isolamento e a marginalização comunicativa das pessoas surdas. Sobre a prática oralista, Tavares (2024) afirma que,

Ao se pensar em oralismo, vemos uma abordagem clínico-terapêutica que visa o treinamento da fala em detrimento da ausência da audição por parte do Surdo, [...] a oralidade como modo de normalizar a surdez em comparação aos alunos ouvintes. Assim, a língua de sinais não é incentivada e há, como resultado, uma desintegração de identidade em busca, apenas, de um modelo para cópia (Tavares, 2024, p. 28).





A transição para o bimodalismo, também referido como “comunicação total” (Ciccone *apud* Tavares, 2024, p. 28), e o declínio do oralismo não ocorreram apenas devido às suas falhas como proposta educacional e clínica, mas também em razão do surgimento de uma nova perspectiva sociolinguística sobre as línguas de sinais, fortalecida por estudos que atestaram sua estrutura e legitimidade como línguas completas. (Lacerda, 1998)

Para Tavares (2024), Lacerda (1998), Oliveira e Figueiredo (2017), o bimodalismo manteve uma forte relação com o oralismo ao priorizar a comunicação oral e a integração do surdo ao meio ouvinte. Essa abordagem utiliza a língua de sinais, leitura labial e datilologia como ferramentas de apoio à oralização e à estimulação auditiva, oferecendo mais possibilidades comunicativas ao estudante surdo. O bimodalismo trouxe avanços importantes em relação ao oralismo, contribuindo para a melhoria na compreensão do conteúdo escolar por estudantes surdos.

Embora tenha havido um aumento no número de estudantes surdos com sucesso acadêmico, muitos ainda não atingiram os níveis de conhecimento esperados para sua faixa etária. Ainda mais, mesmo entre os considerados bem-sucedidos, foram observadas dificuldades significativas na expressão de ideias e sentimentos, especialmente fora do ambiente escolar. Esses *déficits* estão associados, em grande parte, ao tratamento marginal da língua de sinais no contexto bimodal. A sinalização era vista como recurso auxiliar e não como língua legítima, sendo muitas vezes reduzida ao português sinalizado, uma forma gramaticalmente distorcida da Libras. (Lacerda, 1998; Oliveira; Figueiredo, 2017)

Assim como o oralismo, o bimodalismo foi sendo progressivamente superado, à medida que novas pesquisas linguísticas sobre a língua de sinais fortaleceram a educação bilíngue como uma proposta pedagógica mais eficaz. Como descreve Lacerda (1998), os estudos sobre línguas de sinais tornaram-se mais estruturados, dando origem a abordagens pedagógicas orientadas para a educação bilíngue, que reconhece a Libras como língua natural da criança surda.

No entanto, Andrade (2023) e Tavares (2024) contextualizam essa transição não só como produto da nova perspectiva sobre Libras da Linguística, mas também como um longo caminho de marcos legais e mudanças na Legislação conquistadas pela comunidade surda para que a lei sobre sua educação alinha-se com a prática educacional bilíngue.





Cabe ressaltar também neste estudo e projeto pedagógico a Lei nº 10.436/2002, que reconhece Libras como língua legítima, a proclamando o meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira; o Decreto n.º 5.626/2005, que constitui o ensino de surdos como devendo acontecer em classes e escolas próprias e bilíngues. Esses marcos legais, são resultados de reivindicações por uma educação bilíngue que articularam uma pedagogia bilíngue fundamentada em estratégias que valorizam a cultura surda. Assim, evidenciando os resultados concretos e significativos no processo de alfabetização e aprendizagem de estudantes surdos.

2.1 Educação bilíngue e Letramento Visual no Ensino de Cores na Alfabetização de Surdos

Tavares (2024) contextualiza a Libras como uma língua espaço-visual, sendo então percebida e adquirida com maior naturalidade por pessoas surdas, especialmente quando há contato com ela nos primeiros anos de vida. Embora crianças surdas de famílias ouvintes possam até adquirir a língua oral antes da Libras, essa aquisição não é garantida, uma vez que envolve diagnóstico, questões socioeconômicas, entre outras e jamais acontecerá de forma espontânea ou natural (Quadros, 2009, p. 27).

Com base em Quadros (2003) e Tavares (2024), se entende dessa aprendizagem natural e fluida da língua de sinais pelo surdo como resultado natural de sua necessidade de se comunicar pelo visual. É do seu uso da visualidade na comunicação que desenvolve pelo surdo uma relação e experiência única do visual, que é justamente a base que constrói e constitui a identidade e cultura surda. Quadros (2003) aprofunda a relação entre a ‘identidade surda’ e o ‘visual’, discorrendo:

As experiências visuais são as que perpassam a visão. O que é importante é **ver**, estabelecer as relações de **olhar** [...] usar a direção do olhar para marcar as relações gramaticais, ou seja, as relações entre as partes que formam o discurso. O visual é o que importa. A experiência é visual desde o ponto de vista físico [...] até o ponto de vista mental [...] a **cultura é visual**. (Quadros, 2003, p. 93, grifos da autora).

É no conceito de visualidade como característica fundamental e cultural da pessoa surda, que Andrade (2023), Lebedeff e Grützmann (2021) argumentam que o ensino bilíngue só pode atender a pessoa surda e suas individualidades, tanto como indivíduos quanto



comunidade, ao ser definido um conjunto de estratégias visuais e recursos pedagógicos adaptados que possibilitam seu aprendizado mais efetivo ao manter em mente sua identidade surda. Essa perspectiva do ensino que se baseia no contexto, mensagens e percepção visual para a construção de conceitos e conhecimentos pedagógicos, é descrita por Dondis (2003) e Oliveira (*apud* Lebedeff; Grutzmann, 2021, p.162) como Letramento Visual.

No contexto do bilinguismo e o ensino de cor para estudantes surdos, isso reflete na necessidade de associar o sinal em Libras ao estímulo visual direto, com os materiais utilizados na experiência pensados para favorecer a percepção visual e com suporte à Libras. A construção do conceito de cor por estudantes surdos acontece em um campo onde a linguagem e a visualidade se complementam. A Libras e o letramento visual atuam como ferramentas fundamentais à língua de sinais permitindo nomear e comunicar as cores, enquanto a experiência visual torna o conteúdo concreto. A cor, enquanto conceito abstrato, torna-se compreensível à medida que pode ser vista, manipulada, sinalizada e comparada, inserida em um contexto visual significativo (Bueno *et al*, 2013; Lowchinovscy; Sampaio, 2018; Tavares, 2024).

A partir desse contexto, compreendemos que a Libras não atua isoladamente para a criação de um ensino bilíngue, pertencendo a um conjunto de estratégias visuais que possibilitam as condições de aprendizado ideais para a pessoa surda, nos quais contam com estratégias e metodologias baseadas também no letramento visual. E que ao trabalhar o conteúdo ‘Cores’ no ensino bilíngue de surdos é necessário para sua melhor compreensão e contextualização a visualidade e o uso da Libras. Lebedeff e Grützmann (2021) ressaltam:

Existe uma certa distância entre o discurso (o surdo é sujeito visual) e a prática (experiência visual não é privilegiada na escola), que é observada tanto na escola para ouvintes com alunos surdos incluídos como nas próprias classes de surdos, seja com professores surdos ou ouvintes. [...] há uma necessidade urgente de diminuir essa distância e de prover crianças surdas e ouvintes com novas possibilidades de construção de sentidos, de aprendizagens, a partir da imagem, da visualidade (Lebedeff, Grützmann, 2021, P.164).

Desse modo, consideramos que propostas lúdicas que valorizem o conhecimento prévio dos estudantes, assim como seus contextos sociais, são fundamentais para a construção de projetos pedagógicos significativos, que priorizem a participação ativa e a aquisição linguística dos estudantes surdos (Bueno *et al*, 2013). A partir dessa compreensão, passamos à





próxima seção, dedicada à apresentação da metodologia utilizada no desenvolvimento da proposta pedagógica.

3. Metodologia

A metodologia empregada no presente estudo se caracteriza por uma abordagem qualitativa e pedagógica que se foi realizada em um mês letivo e usou de fundamento, estudos e relatos de experiência conduzidos com crianças surdas em um ambiente escolar bilíngue (Bueno *et al*, 2013; Lowchinovscy; Sampaio, 2018). De acordo com o que Tavares (2024, p. 16) descreve a respeito do uso prático e social das duas línguas, “os estudantes precisam ver no dia a dia, comparar e manipular as cores para realmente compreenderem e trabalhar nas línguas L1 e L2”.

A partir de nossos conhecimentos e experiências prévias como PIBIDianos atuantes da Escola Pública Integral Bilíngue Libras e Português Escrito do Plano Piloto - EBPP e com o tempo disponibilizado de duas semanas, elaboramos um plano de ensino para a confecção efetiva e estrutural da intervenção pedagógica. O plano foi elaborado para ocorrer em 3 etapas práticas e visando a utilização plena de recursos visuais e a sinalização em Libras, condizendo com o perfil da turma de estudantes surdos que utilizam a Libras como primeira língua de uma turma mista de 1º a 3º ano do ensino fundamental da EBPP.

A primeira etapa do projeto se constituiu dentro de uma semana letiva, onde foram elaborados materiais didáticos adaptados de acordo com a prática pedagógica do letramento visual para o ensino de surdos (Lebedeff; Grützmán, 2021). Foram confeccionadas a partir de materiais reciclados, seis placas contendo a representação datilológica e a grafia em português escrito dos nomes das cores primárias (azul, amarelo e vermelho) e secundárias (laranja, roxo e verde). Essas placas foram complementadas por peças pintadas com as respectivas cores para serem apresentadas aos estudantes.

A segunda etapa ocorreu em momento de sala de aula com o apoio da professora supervisora, sendo disponibilizados 30 minutos para a realização da atividade. Esta fase envolveu a manipulação das peças coloridas pelos estudantes, com a nossa assistência e da professora supervisora, que deveriam soletrar o nome da cor em datilologia e apresentar o sinal correspondente em Libras. Fixando a peça na placa apropriada logo após, no qual foi colada na lousa da sala em momento prévio.



O terceiro momento do projeto centrou-se na experimentação da mistura de tintas guache, os estudantes foram desafiados a transformar cores primárias em secundárias com a assistência dos PIBIDianos e professora supervisora. A interação fortaleceu o aprendizado pela repetição visual e corporal. Posteriormente, com as novas tonalidades criadas, os estudantes elaboraram desenhos temáticos relacionados ao corpo humano, no qual, coloriram com as novas tonalidades que haviam criado. Por fim, para a consolidação do aprendizado, os estudantes registraram os nomes das cores em seus cadernos, visando fixar a escrita e estabelecer a relação entre a forma escrita e o sinal em Libras das cores.

4. Resultados e Discussões

Os resultados da atividade evidenciaram que a simples sinalização das cores, de forma isolada, não foi suficiente para a construção de significado por parte dos estudantes. A Libras mediou o acesso ao conteúdo, mas somente produziu efeitos significativos quando associada a recursos visuais claros, interações corporais e materiais concretos. Como defendem Lebedeff e Grützmann (2021), a imagem e a visualidade são centrais para a aprendizagem da criança surda, e a prática pedagógica precisa reconhecer essa especificidade como parte da construção de sentido. A manipulação das cores, a mistura de tintas e a observação direta das combinações proporcionaram um aprendizado mais concreto e significativo, conforme ilustrado na Figura 1:

Figura 1: Estudantes pintando imagens a partir da realização da mistura de cores.



Fonte: Arquivo Próprio.



Ao vivenciarem as transformações visuais geradas pela mistura das cores primárias, os estudantes puderam ver e tocar os materiais durante o processo, o que favoreceu a aprendizagem. Essa experiência está alinhada à concepção de letramento visual descrita por, Dondis (2003), sendo a leitura da imagem um processo ativo e complexo que envolve a observação, comparação e interpretação de elementos visuais. Para os sujeitos surdos, esse processo se torna ainda mais significativo, pois o olhar é sua principal via de acesso ao mundo.

Além disso, o uso simultâneo da datilologia, dos sinais em Libras e de etiquetas com os nomes das cores em português, como apresenta a Figura 2, possibilitou a construção de pontes entre os diferentes sistemas linguísticos, visual, sinalizado e escrito.

Figura 2 - Placas contendo a representação datilológica e a grafia em português escrito dos nomes das cores primárias e secundárias.



Fonte: Arquivo Próprio.

A participação dos estudantes foi ativa e envolvente. Durante a atividade, observamos um estímulo constante à atenção visual, à sinalização em Libras e à observação dos colegas. Como argumenta Tavares (2024), a construção do conhecimento na perspectiva bilíngue exige práticas que respeitem o tempo, a corporeidade e os modos de interação próprios da cultura surda.

Notamos, por exemplo, que os estudantes reagiram com mais engajamento quando os materiais visuais apresentavam forte contraste de cor ou eram dispostos em sequência visual lógica (cartazes, fichas, jogos). Essa resposta confirma o que afirma Bueno *et al.* (2013), ao destacar que a aprendizagem de conceitos abstratos, como “cor”, por crianças surdas, depende





de experiências visuais repetidas e significativas, associadas à linguagem em Libras. Ainda assim, foram identificadas barreiras importantes durante a aplicação.

Um dos principais desafios foi justamente a abstração envolvida no conceito de “cor” que, diferentemente de objetos ou ações, não pode ser tocado ou percebido diretamente sem estímulo visual específico. Segundo Lowchinovscy e Sampaio (2018), o ensino de cor a estudantes surdos exige mediações visuais cuidadosamente planejadas, pois trata-se de um conceito simbólico e cultural. Alguns estudantes demonstraram dificuldade inicial em focar na atividade, sendo necessário repetir as instruções e acompanhar o processo passo a passo para que o objetivo fosse compreendido.

Em contrapartida, ao final da atividade, foi possível observar que a maioria dos estudantes compreendia e sinalizava corretamente as cores primárias e secundárias, além de identificar seus nomes na datilografia e em português escrito. Essa progressão indica que o uso de estratégias visuais e linguísticas integradas contribuiu efetivamente para a construção do conhecimento. Como aponta Tavares (2024, p. 16), “os estudantes precisam ver no dia a dia, comparar e manipular as cores para realmente compreenderem e trabalhar nas línguas”.

Do ponto de vista da formação docente, a experiência nos proporcionou uma compreensão mais profunda sobre a importância de planejar atividades que não apenas utilizem Libras como ferramenta linguística, mas que também se apoiem em recursos visuais significativos, adaptados às necessidades cognitivas e culturais dos estudantes surdos. Aprendemos que ensinar com visualidade não é “ilustrar” o conteúdo, mas sim permitir que ele aconteça dentro do campo de percepção do estudante.

Em síntese, os resultados apresentados confirmam o que foi indicado pelas pesquisas de Quadros (2003), Andrade (2023), Lebedeff e Grützmann (2021). Comprovando de forma evidente que propostas de ensino baseadas em letramento visual e bilinguismo não apenas favorecem a aquisição de conteúdos curriculares pelo estudante surdo, mas também fortalecem sua autonomia, linguagem e identidade.

5. Considerações Finais

Enquanto professores em formação na área de Letras, foi possível perceber o quanto é essencial desenvolver a prática docente com sensibilidade e atenção às especificidades dos estudantes. Propor atividades interativas e visuais nos desafiou a repensar o planejamento





pedagógico, considerando o tempo, a linguagem e a forma de percepção desses estudantes. Ao mesmo tempo, a experiência nos proporcionou a oportunidade de aprofundar nosso olhar sobre a educação bilíngue e suas múltiplas possibilidades.

Considerando o objetivo geral deste estudo, de relatar e refletir sobre a experiência educativa no contexto bilíngue, com ênfase no ensino das cores por meio de estratégias de letramento visual e do uso da Libras, avaliamos que ele foi plenamente atendido, na medida em que a prática pedagógica desenvolvida permitiu observar, aplicar e analisar de forma crítica os princípios teóricos que fundamentaram a proposta. A aplicação da atividade permitiu a compreensão conceitual por parte dos estudantes, assim como em nossa formação como docentes sensíveis às demandas linguísticas e cognitivas da comunidade surda. Entre os fatores que contribuíram para o êxito da proposta, destacam-se o planejamento colaborativo, preparação prévia dos materiais utilizados, o uso de recursos visuais contextualizados, a mediação em Libras e a reflexão teórica contínua ao longo do processo.

A experiência demonstrou que a Libras e os estímulos visuais não atuam de forma isolada, mas se articulam como pilares que sustentam a construção de sentido e a aprendizagem significativa. Ao integrar a Libras, a datilologia e os recursos visuais no ensino de conceitos abstratos compreendemos que o bilinguismo só se concretiza quando a visualidade é reconhecida e valorizada como eixo central da cognição surda. O trabalho pedagógico realizado mostrou que ensinar estudantes surdos não se resume à adaptação de materiais, mas exige intencionalidade, estratégias adequadas e mediação qualificada.

Por fim, reforçamos que propostas educativas que combinem visualidade, ludicidade e respeito à singularidade linguística dos estudantes surdos são indispensáveis. Tais práticas não apenas asseguram o acesso ao conteúdo escolar, mas também promovem experiências de pertencimento, expressão e valorização de sua identidade. Enquanto futuros docentes, concluímos esta vivência convictos de que práticas fundamentadas no bilinguismo e no letramento visual são essenciais para garantir uma educação verdadeiramente inclusiva, respeitosa e transformadora.

6. Referências

ANDRADE, Alliny Matos Ferraz. **Um olhar para a jornada linguística do surdo bilíngue: a importância da aquisição da Libras (L1) na construção de conhecimento de mundo e na aprendizagem do português-por-escrito (L2).** 2023. 274 p. Dissertação (Doutorado em





Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2023. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/47046>. Acesso em: 17 jul. 2025.

BUENO, Juliana; GARCÍA, Lílían Sílvia; ULBRICHT, Vânia Ribas. **Cor, forma e estilo de desenho: um estudo exploratório sobre as preferências de crianças surdas**. In: 6º Congresso Nacional de Ambientes Hipermídia para Aprendizagem, João Pessoa. CONAHPA, João Pessoa, p. 1–11, set. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Juliana-Bueno-6/publication/276070686_Color_Shape_and_Drawing_Style_an_exploratory_study_about_deaf_children_preferences/links/55509f1e08ae956a5d25ceaa/Color-Shape-and-Drawing-Style-an-exploratory-study-about-deaf-children-preferences.pdf. Acesso em: 14 jul. 2025.

DONDIS, Donis Anthony. **Sintaxe da linguagem visual**. 2. ed. Dados eletrônicos. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, jul. 2003. 236 p. Título original: A primer of visual literacy. Disponível em: https://daisyaguilera.wordpress.com/wpcontent/uploads/2011/02/livro_sintaxe_da_linguagem_visual-dondis_donis_a.pdf. Acesso em: 17 jul. 2025.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. Cadernos CEDES, Campinas, v. 19, n. 46, p. 68–80, set. 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000300007>. Acesso em: 15 jul. 2025.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar; GRÜTZMANN, Thaís Philipsen. Visualidade na educação: reflexões sobre sua importância e possibilidades de uso em sala de aula. **Educação Matemática em Revista** – RS, [S. l.], v. 2, n. 22, 2021. DOI: 10.37001/EMR-RS.v.2.n.22.2021.p.160-167. Disponível em: <https://www.sbembrasil.org.br/periodicos/index.php/EMR-RS/article/view/2911>. Acesso em: 17 jul. 2025.

LOWCHINOVSCY, Thalís; SAMPAIO, José Luiz Fernandes. **Fluidez em signos e cores: o ensino da aquarela para crianças surdas**. Matéria-prima, Lisboa, v. 6, n. 3, p. 163–170, set. 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/38011>. Acesso em: 12 jul. 2025.

OLIVEIRA, Quintino Martins de; FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. Educação dos surdos no Brasil: um percurso histórico e novas perspectivas. **Revista Sinalizar, Goiânia**, v. 2, n. 2, p. 174–197, 2017. DOI: 10.5216/rs.v2i2.50544. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/50544>. Acesso em: 18 out. 2025.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição de linguagem**. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, jan. 2009. E-book (128 p.) p. 1–35. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=qAiFFloAAAAJ&citation_for_view=qAiFFloAAAAJ:u5HHmVD_uO8C. Acesso em: 15 jul. 2025.

QUADROS, Ronice Müller de. **Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão**. Ponto de Vista, Florianópolis, v. 5, p. 81–111, jan. 2003. Disponível em:





<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1246/3850>. Acesso em: 19 jul. 2025.

TAVARES, Talita Nabas. **O letramento visual em materiais didáticos bilíngues para surdos (Libras/língua portuguesa): escolhas e práticas pedagógicas do professor surdo.**

Itapiranga: Schreiben, nov. 2024. E-book (132 p.). Disponível em:

https://www.editoraschreiben.com/_files/ugd/e7cd6e_989bd447785240598a07579cde042a4a.pdf. Acesso em: 14 jul. 2025.

